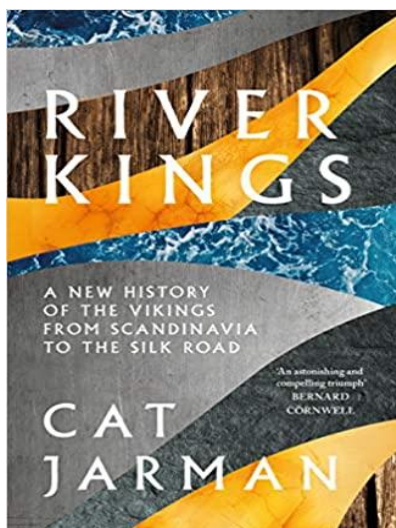


OS VIKINGS RUMO AO LESTE
THE VIKINGS HEADING EAST



JARMAN, Cat. *River Kings*. A New History of the Vikings from Scandinavia to the Silk Roads. London: William Collins, 2021. 336p

*Leandro Vilar Oliveira*¹

Na literatura e no cinema, os vikings ficaram conhecidos como os “reis dos mares”, devido a realizarem feitos náuticos entre os séculos VIII e XI, como as várias incursões de saque à Inglaterra, Irlanda, França e Frísia, além de terem descoberto e colonizado a Islândia e a Groenlândia, como também navegaram para a América do Norte, Portugal, Espanha e o Mar Mediterrâneo. Essas viagens lhes renderam a fama de grandes navegadores. Levando isso em consideração, a arqueóloga Cat Jarman aproveitou essa noção de navegadores em seu mais recente livro, *River Kings*, considerando que os vikings teriam sido também os “reis dos rios”, sobretudo, os rios do Leste europeu pelos quais permitiu que rotas fossem criadas, conectando o Báltico ao Mar Negro e o Mar de Mármara, conectando a Suécia a Ásia Menor. Além de se criar rotas para outros territórios europeus e asiáticos.

¹ Doutor em Ciências das Religiões pela UFPB. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). Email: vilarleandro@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8905-9727>.

Sobre a autora, Cat Jarman é Doutora em Arqueologia pela Universidade de Bristol, sendo pesquisadora sênior honorária do Departamento de Antropologia e Arqueologia dessa universidade, além de ser diretora de arqueologia do Munin Archeology. No entanto, Jarman não apenas realiza estudos nórdicos, mas também possui pesquisas e artigos publicados sobre os Rapa Nui, povo da Ilha de Páscoa, no Chile. No campo arqueológico a autora trabalha principalmente com a bioarqueologia, tendo realizado escavações na Inglaterra e Ucrânia.

Jarman comenta que a ideia para esse livro, surgiu há dez anos durante seus estudos de mestrado e depois de doutorado. Porém, foi a partir de suas escavações em Repton, que ela se deparou com artefatos vindos de muito longe, do outro lado da Europa. Um deles foi uma conta feita de coralina, a qual teria advindo possivelmente do Império Bizantino. Intrigada com a presença dessa pequena conta, Jarman narra no prólogo de seu livro, que teve a ideia de reunir suas pesquisas e estudos e formar esse livro.

River Kings é um livro é dividido em três partes as quais abordam temas ligeiramente diferentes, mas que se conectam ao tratarem do comércio de longa distância empreendido na Era Viking. Dessa forma, a autora inicia seu estudo na Inglaterra é parte ao Oriente Médio, apresentando as rotas comerciais fluviais e terrestres pelas quais os nórdicos oriundos principalmente da atual Suécia, mas as vezes também da Noruega e Dinamarca, tomaram para desbravar os territórios dos povos eslavos, bizantinos, cazaques, árabes e de outras etnias.

Os capítulos 1 ao 5 apresentam uma abordagem mais arqueológica, algo perceptível no uso das fontes e de termos oriundos dessa ciência. Já os capítulos 6 ao 9 a abordagem é historiográfica. Embora o livro *River Kings* esteja dividido na perspectiva arqueológica e histórica, Cat Jarman utiliza um linguajar fácil e simples, nem por isso carente de rigor acadêmico. O fato da escolha desse linguajar deve-se a tornar a obra mais acessível a um público amplo e heterogêneo, condição na qual a autora apresenta algumas reflexões suas em primeira pessoa, relatos de pesquisa e nomeia alguns capítulos com referências mitológicas, deixando os títulos mais simbólicos do que descritivos. Além disso, a autora também em alguns momentos do livro faz ligações com a literatura nórdica medieval e a mitologia, para comentar sobre costumes, práticas, crenças e acontecimentos. Relatos dos quais podem ser familiares a alguns dos leitores.

A obra também possui imagens em preto e branco, no início de cada capítulo, sendo meramente ilustrativas. Há também mapas da Europa e do Oriente Médio, mostrando os

lugares abordados. Em anexo há uma seção de fotografias, com poucas fotos, a maioria retirada de museus. Essa seção poderia ter incluído mais imagens, já que não cobre grande parte dos territórios analisados, além de que várias fotos são de túmulos e esqueletos, alguns estudados pela autora.

A primeira parte do livro é intitulada Oeste (West), a qual apresenta alguns dos locais estudados por Jarman, centrando-se no território inglês. Assim, os três primeiros capítulos analisam artefatos, depósitos funerários, embarcações e sítios arqueológicos, e a partir dessa cultura material, ela realizou uma contextualização histórica, situando-os no século IX, na década de 870, período da guerra de formação do Danelaw².

No capítulo 1 a autora destaca objetos de metal e vidro encontrados em túmulos. No capítulo 2 ela analisa a presença de moedas de prata de origem eslava e árabe. O que revela que os guerreiros do Grande Exército Pagão, quando seguiram para a Inglaterra, levaram consigo vários objetos e produtos oriundos do Leste europeu, embora não se saiba se parte deles estiveram naqueles territórios ou obtiveram essas mercadorias nos mercados escandinavos ou a partir de pilhagens a outros territórios. O capítulo 3 apresenta alguns comentários sobre as embarcações e sua versatilidade para navegar pelo mar e rios, além de sua importância como transporte, arma de guerra e uso religioso.

A segunda parte é intitulada Terra natal (Homelands), na qual Jarman aborda a Escandinávia. Nessa seção do livro, encontramos o conteúdo mais diferente do conjunto, pois enquanto nas partes um e três os assuntos abordados tratam de temas em comum referentes a escavações na Inglaterra e datadas de um mesmo período, na parte dois eles apresentam algumas diferenças, além de abordar acontecimentos e referências entre os séculos IX e X.

O quarto capítulo analisa o caso da estatueta de Buda encontrada em Helgö, na Suécia, atualmente em exposição no Museu de Estocolmo. Em seguida a autora refere-se a outros artefatos como contas de coralina, moedas árabes, joias, especiarias e artigos de luxo, mostrando elementos provenientes da Ásia. Neste capítulo a autora também se dedica a explicar um pouco a respeito de algumas cidades mercantes do século IX como Kaupang (Noruega), Birka (Suécia) e Hedeby (Dinamarca), e posteriormente informando que após o ano

² A guerra de formação do Danelaw durou de 866 a 878, originando um território que ocupou quase metade da atual Inglaterra, sendo governado por dinamarqueses e noruegueses que perdurou por mais de cem anos. (HADLEY, 2000).

1000, novos centros comerciais destacaram-se como Sigtuna (Suécia), Roskilde (Dinamarca) e Oslo (Noruega), mostrando que a presença mercante na Escandinávia sempre acompanhou o desenvolvimento da Era Viking (sécs. VIII-XI). Jarman também cita casos de cidades em outros países do oeste europeu, que mantinham conexão comercial com a Escandinávia.

No quinto capítulo a autora interrompe seu estudo sobre o comércio, passando a dissertar a respeito das mulheres vikings, abordando a presença delas nos acampamentos e expedições mercantes, e os recentes estudos com base nos isótopos e DNA para identificar ossadas que suspostamente eram consideradas de homens, mas revelou-se que pertenceram a mulheres. Informação essa que reavivou o debate das mulheres guerreiras, assunto que a autora aborda. Neste ponto, Jarman insere ao debate às dúvidas em torno de se essas mulheres seriam realmente guerreiras, ou esposas e companheiras dos guerreiros, ou até mesmo seguidoras de acampamento ou escravas. Apesar dessas dúvidas, ainda assim, a cultura material encontrada comprova a presença dessas mulheres, principalmente pelos vários achados de joias e artigos femininos, somados aos esqueletos encontrados.

O capítulo sexto que é um dos mais extensos, inicia propriamente o objeto principal do livro, que é a presença nórdica no Leste europeu. Observa-se que somente na metade do livro é que o tema central da pesquisa de fato começa a ser abordado. Jarman parte dos contatos dos nórdicos pelo Báltico com os territórios da Finlândia, Estônia, Lituânia, Letônia, Rússia e Polônia, na chamada “Rota do Leste”. Sobre isso, a autora comenta que nos vestígios arqueológicos em Repton, acharam-se artefatos provenientes desses países, sendo na maioria joias, peças de bronze e prata. O comércio pelo Báltico, dominado por Gotlândia, era bem extensivo. Condição essa que a autora destaca que a ilha de Gotlândia seja o local na Escandinávia com a maior concentração de moedas de origem muçulmana, algumas advindas de territórios do interior do Oriente Médio, as quais podem ter chegado através da Rota da Seda, tema que ela também comenta neste capítulo.

A partir dos comentários sobre o que foi a Rota da Seda, sua extensão da China à Turquia, e como artigos do Extremo Oriente chegavam ao Império Bizantino e depois eram comprados por outras nações europeias. Jarman passa a explicar sobre a presença de assentamentos nórdicos no Leste europeu, como Staraya Ladoga e Novgorod, ambos na Rússia, os quais marcaram o surgimento de novas rotas comerciais por aquela região,

sobretudo pela proximidade com os rios Neva, Volkhov, Lovat e Dvina, para depois acessar o Volga e o Dniéper.

A terceira parte se intitula Leste (East), na qual foca-se em analisar o objeto principal do livro, introduzido anteriormente pelo capítulo seis. A autora inicia o capítulo sétimo explanando sobre alguns termos: as palavras Rus' (usada pelos eslavos) e al-Madjus (usada pelos muçulmanos da Península Ibérica), ambas utilizadas para se referir aos nórdicos; e os nomes em nórdico antigo dos territórios Garðaríki (Rússia), Miklagard (Constantinopla) e Serkland³ (Califado Abássida). Apresentado essas explicações etimológicas a autora retoma as cidades e entrepostos comerciais no Leste europeu, comentando o contato com os búlgaros do Volga⁴, cazares, pechenegues, magiares, bizantinos e árabes.

O capítulo oitavo centra-se em debater sobre a presença nórdica na Rússia de Kiev⁵, destacando informações históricas, políticas e culturais. Pela condição da autora ter visitado a Ucrânia, ela destaca suas impressões e pesquisas em alguns sítios locais, além de material coletado sobre a presença nórdica naquelas terras.

Por fim, o nono e último capítulo, tem-se espaço para abordar a presença escandinava no Império Bizantino, apresentando a chegada dos primeiros nórdicos aquelas terras e depois a relação longeva entre mercenários e mercadores vikings com os bizantinos, gerando o surgimento da Guarda Varegue (guarda que protegia o imperador bizantino). Em seguida o relato avança em direção ao Mar Cáspio, o maior lago do mundo, o qual era acessado pelos vikings via rota do Volga.

Território que segundo a autora poderia ser a Serkland citada nas sagas islandesas, como a *Saga de Yngvar o Viajado* (Yngvars saga víðförla), o qual no século XI empreendeu uma

³ Serkland seria traduzido como “terra dos sarracenos”, um dos termos genéricos para populações muçulmanas. Por tal condição não se sabe geograficamente com precisão que território era esse referido nas fontes escandinavas. (BRINK, 2008, p. 98). Cat Jarman optou em considerar os domínios do Califado Abássida (750-1258) para se referir a Serkland.

⁴ Ela destaca o relato de Ahmed ibn Fadlan, ocorrido no século X, nessa região, em que ele encontrou um grupo de nórdicos que realiza o sepultamento de seu chefe. Ahmed relatou suas impressões sobre aquele rito fúnebre. (AYOUB, 2018, p. 401-405).

⁵ Termo usado para se referir a um território situado no Leste europeu, que abrangia os atuais territórios da Rússia, Bielorrússia e Ucrânia, sendo habitado por sua maioria por povos eslavos, mas também por algumas populações turcomanas como os pechenegues, magiares e cazares. As principais cidades eram Novgorod e Kiev, cidades governadas por dinastias de origem nórdica. (NEVES, 2018, p. 612-613).

expedição ao leste⁶. Jarman também destaca relatos árabes de ataques ocorridos na região do Cáspio que poderiam ter conexão com os vikings, algo que precisa ainda ser melhor analisado.

Cat Jarman no final do último capítulo cita uma “pré-globalização” em referência ao contato dos nórdicos, árabes, bizantinos, chineses e indianos, os quais faziam uso da Rota da Seda e de outras rotas terrestres, fluviais e marítimas. A ideia de autora encontra atualmente respaldo na perspectiva da história global⁷, principalmente aplicada aos estudos medievais⁸, abordando as relações econômicas, políticas e culturais entre a Europa, Ásia e África. Visão essa que rompe totalmente com a ideia antiquada de que a Idade Média europeia não possuiu um comércio internacional, que estava restrita aos limites dos feudos e que os povos de diferentes lugares não se relacionavam ou eram todos inimigos.

Em suma, o livro *River Kings* consegue apresentar sua proposta de construir uma cadeia de ideias pelas quais revela a conexão internacional e “globalista” que existia na Europa e Ásia da Alta Idade Média, período que inclusive é visto com certo preconceito na historiografia inglesa, por ser chamado de *Dark Age* (Idade das Trevas). Apesar disso, a autora consegue em sua obra unir informações arqueológicas e históricas abordando temas relacionados a guerra, expedições, comércio, costumes e a sociedade. Clareando algumas dúvidas sobre a presença nórdica na Europa oriental e no Oriente Médio, área que ainda requer mais investigações, sejam arqueológicas ou históricas, por conta de se analisar fontes de origem eslava, russa, bizantina e árabe, as quais podem nos fornecer perspectivas e informações ainda desconhecidas sobre a presença nórdica nesses territórios e como funcionava suas relações políticas, econômicas, militares e culturais.

Referências Bibliográficas:

AYOUB, Munir Lufte. Ibn Fadlan. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, p. 401-405.

⁶ Há pedras rúnicas suecas que atestam que essa expedição teria ocorrido. Todavia, a saga que foi escrita no século XIII, possui teor fantástico, falando da presença de gigantes, ciclopes, dragões e cidades suntuosas. (SHERPARD, 1982-1985).

⁷ Cf. *What is Global History* (2016) de Sebastian Conrad.

⁸ Cf. *A Global Middle Ages?* de Robert I. Moore no livro *The Prospect of Global History* (2016).



- BRINK, Stefan. People and land in Early Scandinavia. In: GARIPZANOV, Ildar H; GEARY, Patrick; URBANCZYK, Przemyslaw (eds.). *Franks, Northmen, and Slavs: Identities and State Formation in Early Medieval Europe*. Turnhout: Brepols, 2008.
- CONRAD, Sebastian. *What is Global History?* Princeton: Princeton University Press, 2016.
- HADLEY, D. M. *The Northern Danelaw: its social structure: c. 800-1100*. New York: Leicester University Press, 2000.
- MOORE, Robert I. A Global Middle Ages? In: BELICH, James; DARWIN, John; FRENZ, Margret; WICKHAM, Chris (eds.). *The Prospect of Global History*. Oxford: Oxford Press, 2016, p. 80-92.
- NEVES, Leandro César Santana. Rússia da Era Viking. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. São Paulo: Hedra, 2018, p. 612-615.
- SHERPARD, Jonathan. Yngvarr's Expedition to the East and a Russian Inscribed Stone Cross. *Saga-Book*, XXI, p. 222-292, 1982-1985.